



Intervenção de Cláudio Moreira (SPN)

Uma saudação à Interjovem e a todos os delegados e convidados da X Conferência Nacional da Interjovem.

Antes de tudo, queria revelar que no Sindicato dos Professores do Norte, vimo-nos em grande dificuldade para encontrar dirigentes que cumprissem com a idade para esta conferência. Na classe dos professores, ter 50 anos é ser jovem. Isto para dizer que, antes de defendermos as condições dos jovens na educação, precisamos de os ter na educação. E essa é uma responsabilidade do Governo e do Ministério da Educação. Porque enquanto persistir uma linha para remediar os enormes problemas sentidos na Escola com propostas de ir buscar os aposentados para dar aulas ou de ir buscar os licenciados não profissionalizados, para remediar o grave problema da falta de professores, não se resolve nada, camaradas. A falta de professores, nomeadamente jovens, só se resolve de uma maneira, com a melhoria das condições de trabalho, dos salários, dos vínculos às escolas e agrupamentos, e que não sejam a 300 ou 400 km de casa. Só resolvendo estes problemas de fundo, a carreira de professores poderá tornar-se atrativa para que os jovens a possam considerar e escolhe-la.

Já muito se falou hoje sobre a contratação coletiva, e por isso não quero repetir coisas importantes que já foram ditas. Mas queria abordar um problema sentido no Ensino Particular e Cooperativo, especificamente no Ensino Artístico Especializado. Ao contrário do que acontece no ensino genérico, o Ensino Artístico Especializado está repleto de jovens, porém somos um mundo muito pequeno tendo em conta o universo da educação. Na verdade, são poucas as escolas para os professores que se profissionalizam a cada ano. E isto tem criado um problema. Têm-se alastrado as práticas de despedimento de professores mais antigos, porque ficam caros às escolas, e contratam-se professores recém-formados, que até ganham pouco e fazem pouco barulho. Quando se apercebem da precariedade e começam a fazer barulho, despede-se aquele professor e vem outro para o seu lugar. Camaradas, e isto só acontece porque é ensino privado, porque tem um patrão na escola que ainda não aceitou as garantias das lutas de Abril.

No Ensino Artístico Especializado do Particular e Cooperativo, são vários os problemas que se enfrentam. Começa com o financiamento, que é alocado ao aluno, e por isso o financiamento é o mesmo, quer o professor tenha 0, 15 ou 30 anos de tempo de serviço, promovendo assim despedimentos ilícitos. É o deslocamento entre escolas e polos de escola, e é importante referir que uma boa parte destes professores precisa de estar em 3 ou 4 escolas para conseguir ter um horário completo, com reuniões e audições a triplicar ou a quadruplicar, muitas vezes não vendo o tempo total de serviço, entre as diferentes escolas, contabilizado. São os créditos de horas em média anual, que faz com que tenham que estar disponíveis a qualquer hora e dia, inclusivamente ao fim de semana, para promover os preciosismos das direções pedagógicas. São os abusos e o assédio em reuniões não convocadas, e o dividir para reinar, criando nos professores medo de atuação e exigência do cumprimento dos seus direitos. É o cumprimento de um horário completo que pode chegar aos 29 tempos letivos. Em muitos casos, são todos estes abusos mais o acrescento de estarem abrangidos apenas pela lei geral do trabalho, sem acesso à carreira, congelados há 10 ou 15 anos, já que a caducidade da contratação coletiva veio abrir esta vala maior de precariedade. Chamaria a estes professores, e são muitos do Ensino Artístico Especializado, os lesados da caducidade da contratação coletiva.

E não podia acabar esta intervenção sem dar nota de dados erróneos sobre a educação que foram propagados nos noticiários e redes nos últimos dias e semanas. E vou referir-me apenas aos do ensino artístico. Passaram os noticiários, baseados em contas da Direção Geral de Estatística da Educação e Ciência, que em Portugal existem 7 escolas públicas e 7 escolas privadas. Pois bem, os dados estão tão longe da realidade, que até faz comichão aos dedos quando começamos a contar de forma séria as escolas de ensino artístico em Portugal. Ora, públicas não existem 7, existe uma dúzia, não muito longe, ainda assim errado. E privadas também não existem 7. Só nos resultados dos Contratos de Patrocínio para as escolas do Ensino Artístico Especializado, contabilizam-se cerca de 130 escolas. E questiono-me: qual é o interesse de esconder que no ensino artístico há mais de 10 vezes escolas privadas do que públicas? Tenho uma pequena ideia, e vou partilha-la aqui. Talvez passar a ideia de que até nem há assim tantas escolas privadas, e, portanto, há caminho a trilhar nesse sentido. Pois bem, camaradas, é precisamente por termos tantas escolas privadas que os jovens recém-formados e os mais antigos vivem em situações de precariedade cada vez mais degradantes. E é preciso defender esses professores, que muitas vezes passam despercebidos no meio da Educação.

E conluo com isto. Estas escolas privadas têm financiamento público. Então porque razão não há mais escolas públicas de Ensino Artístico Especializado? É simples camaradas, porque assim fica mais barato ao Estado. Financiam por baixo, e o dinheiro público que é gerido pelo privado facilita a que o Governo e o Ministério da Educação lavem as mãos de responsabilidades. E quando é o privado a cometer ilicitudes, está tudo bem, ninguém sabe, o trabalhador até se cala com medo de represálias, e a vida segue. E como o universo do artístico é tao pequeno, junta-se a fome à vontade de comer. Como cantava o Zeca, “eles comem tudo e não deixam nada”.

Muitas são as lutas que o Sindicato dos Professores do Norte e a FENPROF têm travado no sentido de defender estes jovens do Ensino Artístico Especializado às mãos dos privados. E muitas mais virão, já a começar com o Plenário Nacional do Ensino Artístico Especializado marcado para o dia 1 de fevereiro, porque a condição destes jovens não é uma fatalidade, é antes a lenha que arde na necessidade de luta por melhores condições de trabalho.

Viva a X Conferência Nacional da Interjovem

Viva a CGTP-IN
Viva a Luta dos Trabalhadores